

Os vizinhos do museu

O Museu de Arte de Brasília tem uma peculiaridade que a torna diferente de todos os outros museus do mundo: está plantado entre os barracos de uma favela. Seus vizinhos, no entanto, com baixos salários ou desempregados, o frequentam com assiduidade.

ALEXANDRE RIBONDI

Os museus, além de serem o local onde guardam-se os objetos de arte de uma cultura (e, por isto mesmo, seu nome é grego e quer dizer templo das musas), ou de várias civilizações espalhadas pelo mundo, principalmente depois que os arqueólogos e egiptólogos europeus descobriram o valor do contrabando de antiguidades, têm, para o bem ou para o mal, suas características e suas manias.

Os europeus acreditavam ter razão quando se entregaram ao hábito de retirar a arte de seu país de origem e a levavam para os museus de Londres, Madri ou Amsterdam: ninguém como eles sabia reconhecer o valor de um objeto, sabia dar seu preço exato (ou fazê-lo subir em especulações comerciais francamente admiráveis) e expô-lo ao mundo. Do ponto de vista ocidental, são raros os museus de qualidade incontestável fora da Europa — Louvre, Beaubourg, National Gallery, Prado. Museu de Miró, Museu de Amsterdam são nomes que os brasileiros também conhecem, de cor e salteado.

SAMBÃO

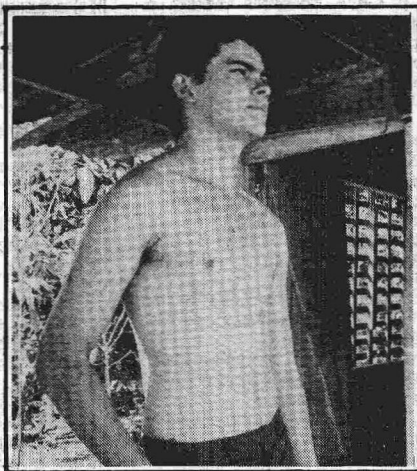
Na América do Sul, além do Museu do Ouro em Lima, Peru, onde o visitante pode apreciar, com uma torturante riqueza de detalhes, as lembranças do império inca destruído pelos espanhóis, não há nenhum outro, ou quase nenhum outro, templo das musas digno de nota. A bem da verdade, o Brasil, apesar do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e do Museu de Arte de São Paulo, ainda dá os primeiros passos na arte de recolher a arte.

Brasília, a capital da República, não poderia ser diferente. O MAB, situado entre o impraticável Palácio da Alvorada, o incendiado Brasília Palace Hotel e a surda Concha Acústica, é a primeira e única tentativa local de criação de um acervo artístico dentro de uma cidade que é, ela própria, uma obra de arte, com assinaturas de homens vivos. Este Museu de Arte de Brasília tem suas características: o prédio, um sobrado avarandado, de amplos espaços e com galerias amplamente aproveitáveis, já foi Clube das Forças Armadas e, mais tarde, um barulhento Sambão, até tomar sua forma definitiva em 7 de março de 1985 — o que pode servir para reforçar a noção de que o passado condena, mas também pode valer como um aviso de que é sempre possível recuperar-se.

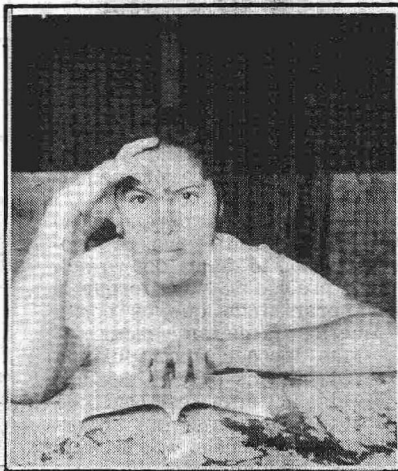
Mesmo assim, o MAB tem um ponto marcante, o que o torna canhestro, específico e delicadamente peculiar: é o único museu do mundo plantado na praça central de uma favela, cercado de vizinhos que fazem parte desta grande massa da população nacional a quem são negados a educação formal, o direito ao bem-estar e ao trabalho remunerado e que, levado pelas circunstâncias, passou a morar ao lado do templo não só das musas, mas da elite cultural do País.

SAUDADES

E, na verdade, um aglomerado de famílias que, desde o início da década de 60, chegou ao local: para construir a cidade, para trabalhar no extinto Brasília Palace Hotel ou para procurar emprego. Até hoje eles estão lá, na mesma situação. Seus salários, quando existem, percorrem a faixa de um a um e meio salário mínimo. Mesmo um pequeno comerciante das redondezas, com o seu comércio servindo de entreposto para todos os habitantes, não consegue reunir, ao final do mês, mais do que Cz\$ 50 mil. Estes moradores instalaram suas casas nos antigos alojamentos que sempre existiram à beira do lago e tornaram o local apazível: há pequenas plantações de taloba, milho, alface, cheiro verde. Do outro lado da cerca, as crianças brincam ao lado das mães — que podem passar o dia apreciando a placidez do Lago Paranoá. Os desempregados acordam tarde.



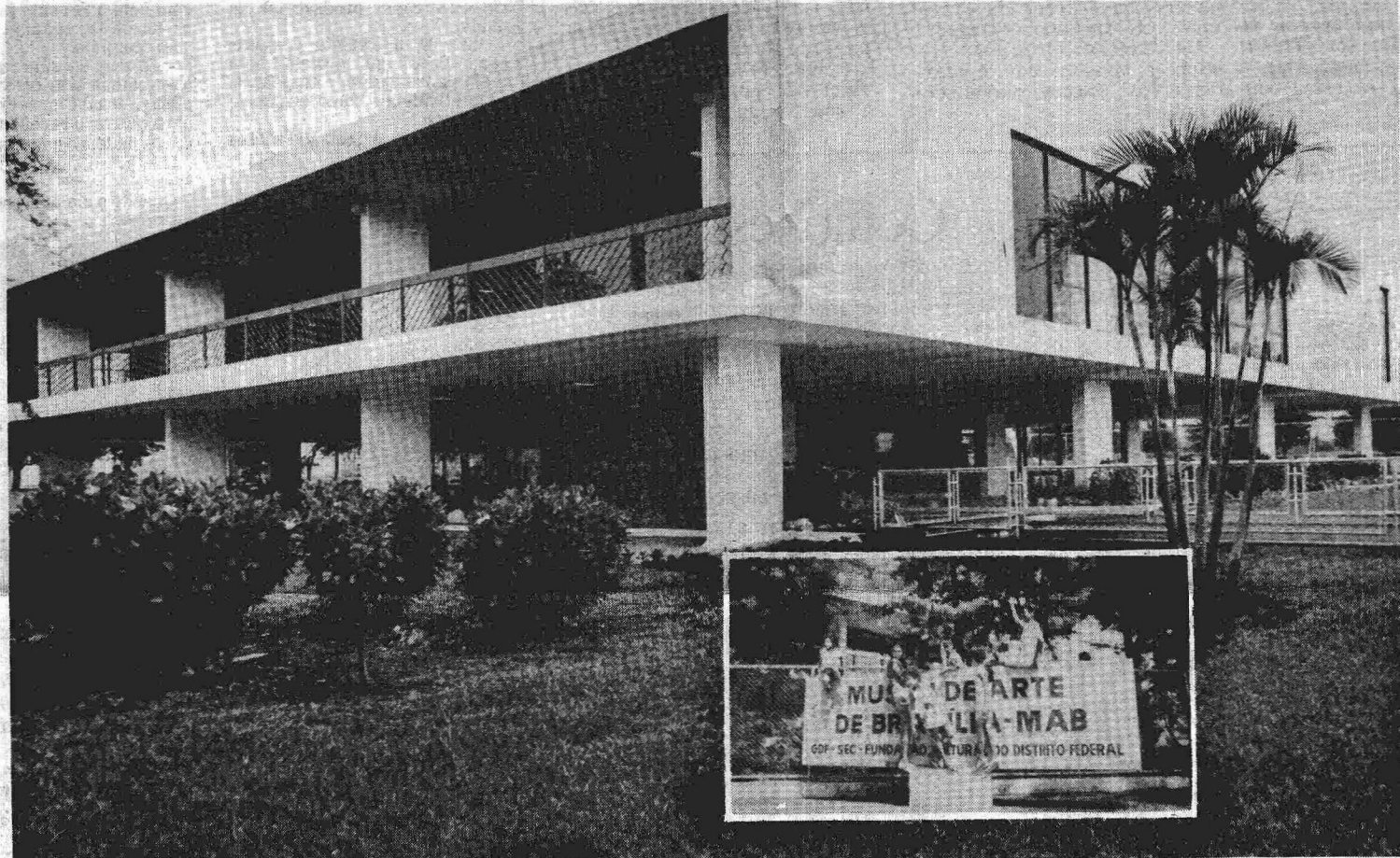
Antônio: moro ao lado do museu



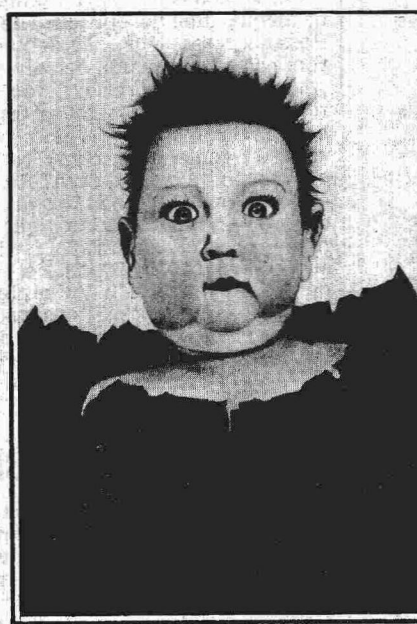
Portinari impressionou Renata



Dona Branca: cadê os convites



O Museu de Arte de Brasília já foi Sambão e Clube das Forças Armadas. Hoje, as crianças da invasão, empoleiradas na grade e na placa, decoram o museu... à sua maneira



Obras do MAB: Autoretrato de Barreiro e escultura de Cravo Júnior



Obras de arte no frigorífico

As obras de arte no frigorífico

O Museu de Arte de Brasília, desde que deixou de ser Clube das Forças Armadas e Sambão, em março de 1985, já conseguiu reunir um acervo digno de visita: são 700 obras, que passam por Arcangelo Ianelli, Frans Krajcberg, Rubem Valentim, Tomie Othake, Athos Bulcão, Iberê Camargo e Siron Franco, todas colocadas em um prédio situado às margens do Paranoá, com varanda, salões abertos, área verde e muita brisa.

Para o primeiro consultor do MAB, o professor, crítico de arte, e museólogo João Evangelista de Andrade Filho, ele próprio um artista plástico, "o Museu da Capital Federal não podia deixar de ser uma janela aberta para o que se passa no mundo". E, seguindo a linha deste raciocínio, continua: "Isto implica uma coleção internacional, com ênfase à América Latina". Lembra que "as fortunas brasileiras talvez não possam mais adquirir obras-primas da pintura universal", mas sabe que a proximidade das embaixadas poderá ser uma vizinhança extremamente útil neste caso.

Mas se ele tocou na pobreza, eis a questão. Se o MAB está cercado por um agrupamento residencial de baixíssima renda, o Museu é tão pobre quanto seus vizinhos e as circunstâncias. Com conclusões tiradas a partir da informação dada pelo atual diretor, Fábio Coelho, a situação chega a ser alarmante. São palavras dele: "É necessário recuperar a rede elétrica e hidráulica, impermeabilizar o subsolo, instalar guarda de obras e fazer a climatização das reservas técnicas, além de outros reparos de menor vulto". Já há promessas de se tornar o MAB uma casa viável: o projeto é coordenado por Regina Motta, e tudo indica que os primeiros passos serão dados em 1989. Até lá, a solução é respirar fundo e esperar que nada aconteça.

As instalações elétricas de um museu são ponto vital. Mesmo que, para muita gente, isto passe despercebido, as artes plásticas são patrimônios da humanidade, os museus são reais arcas de tesouro e têm seu valor calculado em dinheiro vivo. Um incêndio faz da preciosidade um bem irrecuperavelmente perdido.

FRIGORÍFICOS

No MAB, o acervo ainda é guardado, com o zelo atualmente possível, dentro dos antigos frigoríficos do Clube das Forças Armadas. O local seria ideal se cada sala fosse devidamente aclimatizada — uma pintura é, feitas as contas, um corpo vivo, delicado, que exige condições ambientais adequadas.

Há um projeto de utilização de toda a área vizinha ao Museu: um parque, recuperação da Concha Acústica, quiosques, pontos de piquenique e até mesmo uma marina ao lado do Paranoá. No momento, falta a verba necessária e falta uma maior atenção das autoridades. Brasília, por exemplo, tem vivido estes últimos meses de 1988 sem um secretário de Cultura e sem um diretor de fato para a Fundação Cultural do Distrito — nomes que poderiam ser alertados para as carências do MAB. Enquanto isto, o Museu, as obras de arte e a população (pelo menos uma parte dela, a interessada) esperam.

Na cerca que protege o Museu de Arte de Brasília há um buraco feito pelas mãos dos vizinhos: é por esta Porta Improvisada que passam as crianças que querem alcançar o campo de futebol. Brincam ao lado de Tomie Othake, Athos Bulcão e Siron Franco. Esta proximidade altera a vida do próprio museu e de seus vizinhos? É provável que sim e um dos sintomas desta interferência é a idéia da direção da casa, encabeçada por Fábio Coelho, de virar os olhos para as pessoas que residem na área. Este ano, um curso de arte foi oferecido aos meninos do alojamento. Por falta de verba, o curso acabou. E deixou saudades.

Francisca Veras, de 12 anos, foi diretamente à questão: "Gostava de desenhar. Achei tão triste quando a professora foi embora". Uma declaração melancólica, não resta dúvidas, e ela é acompanhada em coro: "Achei péssimo quando acabou" (Edivan de Assis, 10 anos), "A professora abandonou a gente" (Jocélia Lella, 11 anos), a "A professora falou que ia voltar e não voltou. Isto não se faz" (Lucienne de Melo, 7 anos). Todos concordaram que deram um passo importante na vida: aprenderam a desenhar. E não é só isto, a julgar pelo comentário de Renata Silva do Carmo, 14 anos, estudante que trabalha com os pais na mercearia improvisada em um pequeno barraco: "As exposições são muito interessantes. Sempre vou lá. A última que vi foi de Portinari e sabe o que mais me chamou a atenção? E que ele tem uma visão do mundo diferente da minha". Para quem ainda insiste em acreditar que reflexões como esta são propriedade exclusiva das classes média e alta, encharcada de uma cultura dita de elite, eis aí uma bela prova em contrário. Para Renata Silva do Carmo, o mundo pode ter mais de uma explicação.

ESQUECIDOS

E não é só isto. Antônio Carlos de Oliveira, desempregado de 19 anos, há 12 meses vizinho do Museu, espreguiçou-se e depôs: "Rapaz, eu gosto de morar ao lado do MAB. É bom apreciar as obras e, além do mais, quando tenho que dar o meu endereço, digo que moro do lado do Museu e, aí, todo o mundo já sabe". Rosenthal da Silva, 60 anos, há 20 morando nas redondezas, cozinheiro e pai-de-santo, já trabalhou na cozinha do antigo Clube das Forças Armadas e gosta da mudança de ares: "É uma associação que rodeia a nossa, a dos moradores. Tenho orgulho". E ele faz bom uso da oportunidade? Nem tanto assim: "Nunca entrei, mas fico em volta, passo pela porta todos os dias".

Ao que tudo indica, as vernissages e coquetéis acontecem a portas fechadas. A mais antiga moradora do lugar, d. Almelina Neves, de 55 anos, que chegou às margens do Paranoá em 1960, onde ficou conhecida por d. Branca, está impressionada por morar tão perto da cultura, mas pondera: "Nunca recebemos convites. Deveríamos receber porque moramos aqui há muitos anos". E conclui: "Somos sempre esquecidos".

Dioracy Abreu, dona-de-casa de 36 anos (17 deles no alojamento), conserta os óculos sobre o nariz, abre o sorriso e explica: "Adoro viver aqui, porque o lugar é sadio, é bom para as crianças, apesar da poluição do lago". Sobre o museu, ela também tem o que dizer: "Não entendo de arte, mas gosto" — o que não a torna diferente da grande maioria dos frequentadores convencionais dos museus. E supõe: "Nossos filhos têm que começar cedo a entender destas coisas".

Possivelmente, irão aprender e poderão passar a ter o saudável e pouco praticado hábito, para os brasileiros, de serem íntimos dos museus. De qualquer jeito, na cidade de Brasília, nenhum outro núcleo residencial parece usar tão bem as comodidades que tem ao alcance das mãos. Os brasileiros não frequentam o Congresso Nacional de maneira efetiva, os moradores das quadras vizinhas ao Cine Brasília (uma sala de projeção de filmes de arte, com preços acessíveis) deixam o local constantemente entregue às moscas e muitas galerias de arte padecem de solidão. Enquanto isto, o Museu de Arte de Brasília, que fica longe e luta contra as dificuldades de existir em um País que acredita que a arte não carece de cuidados específicos, tem frequentadores assíduos que, justamente para manterem esta assiduidade, têm apenas que atravessar a rua e passar a compreender, como Renata Silva do Carmo, que o mundo pode ser diferente do que o que lhe é imposto por fatalidade social. E que, sobretudo, pode até mesmo ser radicalmente modificado.